

INCIDENTES DA VIDA DE
UMA ESCRAVA

Escritos por ela mesma

copyright Hedra
edição brasileira© Hedra 2020
tradução© Francisco Araújo da Costa
organização da coleção© Tâmis Parron
prefácio© Kellie Carter Jackson
primeira edição Primeira edição
edição Jorge Sallum
coedição Felipe Musetti
assistência editorial Luca Jinkings e Paulo H. Pompermaier
revisão técnica Tâmis Parron
capa Lucas Kröeff
ISBN 978-85-7715-617-7
corpo editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Oliver Tolle,
Renato Ambrosio,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Silvio Rosa Filho,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

Sumário

Muito mais terrível: A vida de Harriet Jacobs, <i>por Kellie Carter Jackson</i>	7
Prefácio da autora	33
Introdução da editora	35

INCIDENTES DA VIDA DE UMA ESCRAVA, ESCRITOS POR ELA MESMA	39
I. Infância	41
II. O novo senhor e a nova senhora	47
III. O dia de ano novo dos escravos	57
IV. O escravo que ousou se sentir como um homem	61
V. As provocações da mocidade	79
VI. A senhora ciumenta	85
VII. O amado	95
VIII. O que ensinam os escravos sobre o norte	107
IX. Retratos de escravistas da vizinhança	111
X. Uma passagem perigosa na vida da jovem escrava	125
XI. O novo laço com a vida	135
XII. O medo de uma insurreição	143
XIII. A igreja e a escravidão	153
XIV. Outro laço com a vida	167
XV. A perseguição continua	173

XVI. Cenas na fazenda	185
XVII. A fuga.	201
XVIII. Meses de perigo	207
XIX. Os filhos são vendidos.	219
XX. Novos perigos	227
XXI. A brecha do refúgio	235
XXII. Celebração de natal	243
XXIII. Ainda na prisão	247
XXIV. O candidato ao congresso	255
XXV. Competição de esperteza	261
XXVI. Uma era importante na vida do meu irmão.	269
XXVII. Um novo destino para os filhos	277
XXVIII. Tia Nancy	289
XXIX. Preparações para a fuga	297
XXX. A caminho do norte.	311
XXXI. Incidentes na Filadélfia	317
XXXII. A reunião entre mãe e filha	325
XXXIII. Um novo lar.	331
XXXIV. O antigo inimigo de volta	337
XXXV. Preconceito de cor.	343
XXXVI. A fuga por um triz	349
XXXVII. Visita à Inglaterra.	359
XXXVIII. Novos convites para voltar ao sul	365
XXXIX. A confissão	369
XL. A Lei do Escravo Fugitivo	373
XLI. Livre afinal	383
Apêndice	395

Muito mais terrível: A vida de Harriet Jacobs

Kellie Carter Jackson
Wellesley College

A história da escravidão quase sempre é apresentada por uma ótica masculina que enfatiza os senhores e os homens escravizados. Nos filmes e romances, os homens aparecem fazendo o trabalho pesado na lavoura ou sendo submetidos aos golpes mais pesados do chicote, sempre sob o jugo de outro homem. Infelizmente, os registros históricos não são diferentes, e algumas das mais populares narrativas de escravos foram contadas da perspectiva masculina. A mais famosa, a *Narrativa da vida de Frederick Douglass, um escravo americano*, tornou-se um bestseller imediato. Publicado em 1845, o livro vendeu mais de onze mil exemplares nos três primeiros anos após seu lançamento, sendo reimpresso nove vezes e traduzido para o francês e o holandês para circular na Europa. As críticas positivas da narrativa também transformaram Douglass em uma celebridade do dia para a noite. Em 1847, foi a vez de *A narrativa de William Wells Brown, Escravo Fugitivo. Escrita pelo Próprio*. A narrativa de Brown também

se transformou em bestseller, perdendo apenas para Douglass em termos de vendas. Em 1853, Solomon Northrup publicou sua autobiografia, *Doze anos de escravidão*, sobre suas experiências como homem livre que foi sequestrado, vendido como escravo e forçado a viver em cativeiro por doze anos. Juntas, essas narrativas moldaram a forma pela qual os Estados Unidos entendiam a escravidão durante o século XIX.

No século XX, as narrativas que continuaram a moldar as ideias sobre a escravidão e a masculinidade americana foram reforçadas com o cinema e a ficção. Em 1976, o romance *Negras raízes: A saga de uma família*, de Alex Haley, teve vendas altíssimas, e gerou uma minissérie popular para a televisão. Até hoje, o épico de Haley sobre Kunta Kinte continua a ser uma das minisséries de maior audiência da história da televisão, enquanto Haley ainda é o único autor afro-americano a ter vendido mais de um milhão de exemplares. Na mesma veia, Hollywood apresentou diversas histórias sobre a luta contra a escravidão de uma perspectiva masculina: *Tempo de glória*, o filme de Edward Zwick de 1989, por exemplo, examina os feitos extraordinários de um regimento negro durante a Guerra Civil. Outros filmes incluem *Django livre*, de Quentin Tarantino, e o oscarizado *12 anos de escravidão*, do diretor Steve McQueen. Seja nas autobiografias, na ficção ou no cinema, os homens dominaram as experiências narrativas da escravidão.

Contudo, as mulheres foram essenciais para a sobrevivência da escravidão, especialmente depois que o Congresso Federal encerrou o tráfico negreiro transatlântico para os Estados Unidos em 1808. A condição escrava dos filhos seguia a das mães. Os corpos das mulheres foram usados para produção e reprodução. De acordo com Ned e Constance Sublette, os corpos das mulheres escravizadas eram o motor da escravocultura e moviam uma economia global de consumo de algodão nos Estados Unidos.¹ As mulheres trabalhavam em casa e no campo, e estavam sujeitas à violência física e sexual. Nem mesmo a gravidez protegia as mulheres do trabalho árduo, dos castigos, das agressões ou dos leilões.

Quando a produção de algodão aumentou exponencialmente com os novos territórios adquiridos pela Compra da Luisiana, pessoas escravizadas foram forçadas a migrar dos estados superiores do Sul, como a Virgínia e Maryland, para o Extremo Sul, ou os “Estados Algodoeiros”, como Geórgia, Alabama, Carolina do Sul, Mississippi, Luisiana e Texas.² Durante esse movimento em massa de pessoas, turmas de pessoas escravizadas foram agridoadas e mandadas, a pé ou por vapores, para cultivar algodão. Meninas de doze a quinze anos foram o único

1. Ned and Constance Sublette, *The American Slave Coast: A History of the Slave-Breeding Industry* (Chicago: Lawrence Hill books, 2016), 24.

2. A Compra da Luisiana foi a aquisição do território francês da Luisiana pelos Estados Unidos em 1803. Os EUA pagaram 50 milhões de francos por terras que hoje incluem quinze estados americanos e duas províncias canadenses.

grupo demográfico mais comum do que os homens negros migrando para o Sul, pois tinham a dupla capacidade de trabalhar na lavoura e ter filhos. Em muitos sentidos, a história da escravidão americana é a história das mulheres escravizadas.

Estima-se que 12 milhões de africanos tenham sido levados para o Novo Mundo, sendo que quase metade da carga humana importada para o oeste tenha sido recebida pelo Brasil. As mulheres compunham uma parcela significativa das pessoas roubadas para o Novo Mundo pela sua mão de obra, e, no Brasil, mulheres escravizadas representavam pouco menos de metade da população escrava entre 1825 e 1885.³ Assim, as histórias das mulheres cativas são essenciais para entender as experiências das pessoas escravizadas. Harriet Jacobs foi uma das primeiras autoras a ilustrar as diferenças salientes da escravidão feminina:⁴ “A escravidão é terrível para os homens”, escreveu, “mas é muito mais terrível para as mulheres”.

As histórias das mulheres escravizadas passaram tempo demais na periferia dos estudos acadêmicos e do engajamento social. Reenfocar as experiências de vida das mulheres escravizadas é fundamental, pois, nas pa-

3. Mary Karasch, “Slave Women on the Brazilian Frontier in the Nineteenth Century” in *More Than Chattel: Black Women and Slavery in the Americas*, ed. David Barry Gaspar and Darlene Clark Hine (Bloomington: University of Indiana, 1996), 81.

4. Ver Mary Prince, *The History of Mary Prince: A West Indian Slave* (London: F. Westley and A. H. Davis, 1831); Prince foi a primeira narrativa da vida de uma mulher negra a ser publicada no Reino Unido.

lavras da historiadora Stephanie Camp, “a história das mulheres não apenas agrega ao que sabemos, ela muda o que sabemos e como o sabemos”.⁵

É minha grande honra apresentar a história de Harriet Jacobs para os leitores brasileiros. Sua narrativa clássica, *Incidentes da Vida de uma Escrava*, é um testemunho da violência emocional, física e sexual à qual as mulheres eram sujeitadas nas mãos dos seus escravizadores. A narrativa de Jacobs revela um dos aspectos mais íntimos da vida em cativeiro: a violência sexual e a maternidade. Suas palavras assombrosas nos oferecem um retrato austero e chocante do que significa ser uma mulher e uma mãe escravizada, tornando *Incidentes da Vida de uma Escrava*, de longe, a autobiografia mais importante do gênero. Além disso, a narrativa é total e completamente sua. Os escravizados eram proibidos de ler e escrever, mas a alfabetização de Jacobs permitiu que ela redigisse sua própria história de forma autêntica, sem precisar fazer concessões. Isso é importante, especialmente porque os ex-escravos que permaneceram analfabetos tiveram suas histórias contadas por terceiros ou filtradas por propagandistas abolicionistas brancos, que tinham suas próprias motivações políticas sobre como transmitir uma história para leitores receptivos. Os críticos passaram décadas acreditando que a autobiografia de Jacobs era uma obra de ficção, ou, pelo menos, não suas próprias palavras. Foi só em 1987 que a

5. Stephanie M. H. Camp, *Closer to Freedom: Enslaved Women and Everyday Resistance in the Plantation South* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2004), 3.

historiadora Jean Fagen Yellin provou a autenticidade do livro. Jacobs foi a primeira escrava fugitiva a escrever sua própria narrativa nos Estados Unidos.

UMA MULHER ESCRAVIZADA EM UMA SOCIEDADE ESCRAVISTA PATRIARCAL

Harriet Ann Brent Jacobs nasceu em torno do outono de 1813, em Edenton, Carolina do Norte. Como os senhores de escravos muitas vezes não registravam as datas de nascimento das suas propriedades, a grande maioria das pessoas escravizadas não sabiam quando havia nascido. Para muitas, os aniversários só podiam ser identificados pela estação, como o inverno ou o verão. Os escravos eram ensinados a se considerarem, antes de mais nada, a propriedade dos seus senhores. É interessante que, quando jovem, Jacobs não estava ciente de que não pertencia a si mesma ou aos seus pais. Quando eram pequenos, Jacobs e John, seu irmão mais novo (chamado de William na narrativa), foram protegidos do sistema complexo e violento tanto quanto seus pais conseguiam. Elijah Jacobs, seu pai, era um carpinteiro, da propriedade do Dr. Andrew Knox, e era um homem altamente inteligente e habilidoso que tinha permissão para que “exercesse sua profissão e administrasse sua própria vida”, mas, apesar de poupar dinheiro, nunca conseguiu comprar seus próprios filhos. Os pais de Jacobs eram escravizados por senhores diferentes: sua mãe Delilah e sua avó Molly pertenciam ambas a Margaret Hornbilow. Molly, também conhecida por Tia

Martha, era muito querida na comunidade, especialmente pelas suas habilidades de cozinheira. Ela conseguiu obter sua alforria e morava na própria casa, ganhando a vida como padeira.

Quando tinha cerca de seis anos, Delilah, mãe de Jacobs, morreu, deixando-a arrasada, e igualmente incerta sobre qual seria seu destino. Margaret, sua senhora, prometera a Delilah no seu leito de morte que cuidaria e protegeria seus dois filhos, e, apesar de não libertá-los da escravidão, ela se esforçou para protegê-los do trabalho pesado. Margaret cumpriu sua palavra, cuidando de Jacobs e William e até ensinando-a a ler, escrever e costurar. Contudo, meros seis anos depois, quando Jacobs tinha doze anos, Margaret adoeceu e morreu. Jacobs perdeu sua senhora protetora no início da sua puberdade. Foi nesse momento que a vida de Jacobs mudou drasticamente, e é assim que descobrimos o terror para uma menina escravizada que é se transformar em mulher.

Em 1825, Margaret legou “minha negra Harriet” e “minha escrivaninha & mesa de trabalho & seu conteúdo” para sua sobrinha de três anos, Mary Matilda Norcom (conhecida como “Srta. Emily Flint” no texto). A partir de então, Harriet e seu irmão foram mandados para a residência dos Norcom. Como Mary era uma criança pequena, seu pai, o Dr. James Norcom, foi colocado como tutor de todas as suas propriedades. Norcom (chamado de “Dr. Flint”) era um cidadão muito respeitado na comu-

nidade, mas a portas fechadas pretendia abusar de Jacobs e ter relações sexuais com ela.

À medida que foi se tornando adulta, a vida de Jacobs mudou. Ela passou a ser assolada pelas tentativas do seu senhor de explorá-la sexualmente. Norcom era manipulador e tirânico, e atormentava Jacobs constantemente. A narrativa de Jacobs é a primeira a ilustrar como as mulheres escravizadas eram suscetíveis à violência sexual e o quão pouco podiam se defender. Em um dos exemplos mais descritivos do tormento sexual, Jacobs analisa como as mulheres escravizadas não tinham proteções para impedir que fossem violadas. Além disso, na fazenda, não havia solidariedade alguma entre as mulheres brancas e as escravizadas. Jacobs explica como a senhora tinha apenas sentimentos de ciúme equivocado e raiva contra a vítima. Não importava que as mulheres escravizadas não tinham poder algum para recusar ou consentir com os desejos dos seus senhores.

No início da história, na tentativa de rechaçar as ameaças sexuais de Norcom, Jacobs tem um relacionamento com Samuel Tredwell Sawyer (chamado de “Sr. Sands”), um advogado branco. Jacobs tinha apenas quatorze anos de idade quando conscientemente deu início a uma relação sexual para obter um mínimo de proteção contra os avanços de Norcom. Não foi uma solução perfeita, apenas uma tentativa de dissuasão, e um mal menor. Aos vinte anos, Jacobs era a mãe de dois filhos com Sawyer, Joseph e Louisa. Implacável, Norcom ameaçou vender os filhos de

Jacobs para uma fazenda vizinha, famosa pela sua brutalidade. Para Jacobs, Norcom sabia expressar apenas luxúria, dominação e desdém, especialmente quando rejeitado. A ameaça aos filhos de Jacobs fez com que ela chegasse ao seu limite. Sua esperança era que, se ela fugisse, Sawyer, o pai dos seus filhos, conseguiria comprar as duas crianças de Norcom. Jacobs acreditava que se Sawyer fosse o proprietário dos seus filhos, o relacionamento entre os dois poderia levá-lo a conceder aos dois a sua alforria.

Em 1835, Jacobs foge da fazenda, mas em vez de se dirigir para o Norte, esconde-se no sótão minúsculo da avó. Por quase sete anos, Jacobs ocupou um quartinho pequeno onde não podia se colocar de pé ou se esticar completamente. O espaço tinha menos de três metros de comprimento, cerca de dois metros de largura e um metro de altura, e era completamente escuro. Ratos e camundongos corriam sobre a cama improvisada, na qual ela só podia dormir de lado. Com cada nova estação, ela se perguntava por quanto tempo ainda permaneceria prisioneira naquele sótão, incapaz de sentir uma brisa refrescante ou abraçar seus filhos. Jacobs escreveu cartas para a sua avó nas quais fingia estar no Norte, na tentativa de convencer Norcom de que estava realmente além do seu alcance.

Em 1837, Sawyer conquistou maior proeminência e foi eleito para o Congresso dos EUA. De acordo com os desejos de Jacobs, ele comprou seus filhos. Contudo, quando Sawyer se mudou para Washington D.C., ele não alforriou

Joseph ou Louisa. Foi só em 1842 que Jacobs finalmente fugiu para o Norte. Ela conseguiu se reunir com os filhos e se estabeleceu em Boston, um bastião abolicionista. Ela continuou a ser fugitiva, no entanto, pois Norcom tentou recapturá-la diversas vezes. Finalmente, em 1852, Jacobs foi comprada e libertada por Corneilia Grinnell Willis, sua ex-empregadora. Livre, ela finalmente pôde contar a própria história. Após o sucesso de *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe (1852), Jacobs entendeu que contar sua própria história seria mais poderoso do que qualquer obra de ficção.

Em cada capítulo, Jacobs guia seus leitores pela estrada perigosa que é a escravidão. Boa parte da narrativa de Jacobs é dedicada a detalhar as crueldades dessa instituição. O chicote e a violência são constantes, infligidos por praticamente qualquer motivo, ou sem motivo nenhum, mas era o leilão a arma mais poderosa contra as famílias escravas. Durante o período pré-Guerra Civil, quase um terço das famílias escravas foi separado por vendas, seja por dívidas, mortes, dificuldades econômicas ou despeito. Jacobs descreve uma mãe cujos sete filhos foram vendidos e mandados para longe, todos no mesmo dia. “Para a mãe escrava o dia de Ano Novo chega carregado de tristezas especiais. Ela se senta no chão frio da cabana, cuidando dos filhos que poderão ser todos arrancados de si na manhã seguinte, e muitas vezes anseia que ela e eles morram antes de o dia nascer”, Jacobs escreve. A autora oferece aos seus leitores uma descrição dramática do seu cativo

físico e psicológico, ao mesmo tempo que aprende sobre a cultura política e social dessa cidadezinha da Carolina do Norte e como o mundo ao seu redor estava mudando.

Jacobs escreveu *Incidentes da vida de uma escrava* entre 1853 e 1858. Foi um período turbulento na história americana, e um dos mais violentos em termos de disputas políticas e jurídicas em torno da escravidão. No início da década, os Estados Unidos reformularam a infame Lei do Escravo Fugitivo, que exigia que todos os escravos fugitivos fossem devolvidos aos seus senhores, independentemente de quanto tempo haviam vivido em liberdade. Ela incentivava os caçadores de escravos, oferecendo recompensas por capturas, e permitia que os caçadores de recompensas e os delegados federais entrassem no Norte e até mesmo recrutassem cidadãos do norte para recuperar “propriedade roubada”. Desobedecer a nova lei poderia levar a seis meses de prisão ou uma multa de 1.000 dólares (cerca de 30.000 dólares, corrigindo para a inflação). Em 1857, a Suprema Corte dos EUA decidiu o caso Dred Scott, um marco na história da escravidão, recusando-se a reconhecer os americanos negros como cidadãos do país. Roger Taney, Chefe de Justiça da Suprema Corte, emitiu a declaração infame de que os negros “não tinham direitos que o homem branco deveria respeitar; e que o homem negro era justo e legalmente reduzido à posição de escravo em seu benefício”. Jacobs estava ciente de que a Lei do Escravo Fugitivo garantiria a legalidade da sua reescravidão após a fuga. Ela também escreveu sabendo que sua

liberdade recém-adquirida não lhe garantia seus direitos ou cidadania. Com a eleição de Abraham Lincoln para a presidência, a Carolina do Sul declarou sua secessão da União, com o intuito de preservar a escravidão, e até fevereiro de 1861 os estados do Mississippi, Flórida, Alabama, Geórgia, Luisiana e Texas fizeram o mesmo. Quando *Incidentes da vida de uma escrava* foi lançado em 1861, as tensões em torno da escravidão estavam no auge; o país estava em guerra. Apesar de livre, Jacobs publicou sob o pseudônimo “Linda Brent”, pois não desejava incriminar seus amigos e familiares.

A HISTORIOGRAFIA DE HARRIET JACOBS

Sem dúvida alguma, o trabalho da incansável Jean Fagan Yellin sobre abolicionistas negras faz dela a maior autoridade sobre a vida de Jacobs. *Harriet Jacobs: A Life*, a premiada primeira biografia extensa de Jacobs, junto com a coleção dos documentos da família Jacobs que editou, oferecem aos leitores uma perspectiva detalhada sobre a vida da autora durante e após a escravidão. A edição revolucionária de Yellin de *Incidentes da vida de uma escrava* também acabou com as suspeitas de que a obra de “Linda Brent” seria fruto da abolicionista branca Lydia Maria Child, sua editora. É graças ao trabalho de Yellin que os estudiosos sobre o tema concordam e reconhecem que Jacobs foi a única autora da sua narrativa. Além disso, Yellin enfatiza a agência, força de vontade, coragem e honestidade de Jacobs. Assim, Jacobs não deve ser lida como

INCIDENTS
IN THE
LIFE OF A SLAVE GIRL.

WRITTEN BY HERSELF.

“Northerners know nothing at all about Slavery. They think it is perpetual bondage only. They have no conception of the depth of *degradation* involved in that word, SLAVERY; if they had, they would never cease their efforts until so horrible a system was overthrown.”

A WOMAN OF NORTH CAROLINA.

“Rise up, ye women that are at ease! Hear my voice, ye careless daughters! Give ear unto my speech.”

ISAIAH xxxii. 9.

EDITED BY L. MARIA CHILD.

BOSTON:
PUBLISHED FOR THE AUTHOR.
1861.

Incidentes da vida de uma escrava,
escritos por ela mesma

I. Infância

Nasci escrava, mas nunca soube disso até passarem seis anos de uma infância feliz. Meu pai era um carpinteiro, considerado tão inteligente e habilidoso nessa profissão que, quando edifícios fora do comum precisavam ser construídos, ele era chamado de pontos distantes para ser o líder dos trabalhadores. Sob a condição de pagar à sua senhora duzentos dólares ao ano e sustentar a si mesmo, ela permitia que ele exercesse sua profissão e administrasse sua própria vida. Seu grande desejo era comprar os filhos, mas apesar de ter diversas vezes oferecido seu dinheiro suado para tanto, ele nunca teve sucesso. A tez dos meus pais era um tom claro de amarelo-acastanhado e os dois eram chamados de mulatos. Eles moravam juntos em um lar confortável e, apesar de sermos todos escravos, eu era tão carinhosamente protegida que jamais sonhava ser uma peça de mercadoria, confiada a eles para proteção, sujeita a ser pedida de volta a qualquer momento. Eu tinha um irmão dois anos mais novo, William, uma criança inteligente e afetuosa. Meu outro grande tesouro era minha avó materna, uma mulher incrível em diversos aspectos. Ela era filha de um fazendeiro da Carolina do Sul que, ao morrer, libertara a mãe dela e os três filhos, dando-lhes

dinheiro suficiente para ir a St. Augustine, onde tinham parentes. Isso ocorreu durante a Guerra Revolucionária; eles foram capturados no caminho, levados de volta e vendidos a compradores diferentes. Essa era a história que minha avó costumava contar, mas não lembro de todos os detalhes. Ela era muito menina quando foi capturada e vendida para o gerente de um grande hotel. Muito ouvi ela contar sobre as dificuldades que sofreu na infância. Contudo, à medida que foi crescendo, ela demonstrou tamanha inteligência e tamanha fidelidade que seu senhor e senhora foram forçados a perceber que seria do seu interesse tomar muito cuidado de uma propriedade tão valiosa quanto ela. Minha avó se tornou indispensável na residência, atuando em todas as funções, de cozinheira e costureira até a ama de leite. Ela recebia muitos elogios pelos pratos que preparava, e seus biscoitos ficaram tão famosos na vizinhança que muita gente os cobiçava. Em consequência dessa busca constante, ela pediu à sua senhora permissão para assar biscoitos à noite, depois que todo o serviço da casa estivesse pronto; e ela obteve a permissão, desde que usasse o lucro para vestir a si mesma e aos filhos. Sob essas condições, após trabalhar duro o dia inteiro para a senhora, ela começou a preparar suas fornadas da meia-noite, auxiliada pelos dois filhos mais velhos. O negócio foi rentável; a cada ano ela poupava um pouco, sempre economizando em um fundo para a compra dos filhos. Quando seu senhor morreu, a propriedade foi dividida entre seus herdeiros. O dote da viúva

era o hotel, que ela continuou a administrar. Minha avó continuou a ser escrava a seu serviço, mas seus filhos foram divididos entre os filhos do senhor. Como ela tinha cinco, Benjamin, o mais jovem, foi vendido para que cada um dos herdeiros recebesse uma porção igual de cada dólar e cada centavo. A diferença entre as nossas idades era tão pouca que ele mais parecia meu irmão do que meu tio. Benjamin era um rapaz bonito e inteligente, e quase branco, pois herdara a tez que derivava dos ancestrais anglo-saxões de minha avó. Apesar de ter apenas dez anos, ele obteve o preço de 720 dólares. Sua venda foi um golpe terrível para a minha avó, mas ela era uma mulher naturalmente cheia de esperança e passou a trabalhar com energia redobrada, confiando que um dia seria capaz de comprar alguns dos filhos. Ela havia guardado 300 dólares, que sua senhora um dia pediu de empréstimo, prometendo devolver em breve. O leitor provavelmente sabe que nenhuma promessa ou palavra escrita dada um escravo é vinculante. De acordo com as leis sulistas, o escravo, por *ser* propriedade, não pode *ter* propriedades. Quando minha avó emprestou seu dinheiro suado à senhora, ela estava confiando unicamente na honra desta. A honra de um escravista perante uma escrava!

A essa avó devo inúmeros confortos. Meu irmão Willie e eu sempre recebíamos porções dos biscoitos, bolos e compotas que ela fazia para vender. Quando deixamos de ser crianças, passamos a dever a ela por serviços muito mais importantes.

Essas foram as circunstâncias anormalmente fortuitas da minha primeira infância. Quando tinha seis anos, minha mãe morreu; foi então que descobri, pelas conversas ao meu redor, que era escrava. A senhora da minha mãe era a filha da senhora da minha avó. Ela era irmã de criação da minha mãe; ambas foram alimentadas no seio da minha avó. Na verdade, minha mãe fora desmamada aos três meses de idade para que a filha da senhora pudesse se alimentar o suficiente. Elas brincavam juntas quando crianças e, depois de adultas, minha mãe se tornou a criada fiel da irmã de criação mais branca. No leito de morte, ela ouviu da senhora a promessa de que seus filhos nunca passariam necessidade; enquanto viveu, ela cumpriu sua palavra. Todos falavam com afeto da minha falecida mãe, que fora escrava apenas em nome, mas que tinha natureza nobre e feminina. Eu chorei por ela, e minha mente infantil se preocupava com a ideia de quem passaria a cuidar de mim e do meu irmãozinho. Fui informada que moraria com a senhora, e o que encontrei foi um lar feliz. Nenhum dever trabalhoso ou desagradável me era imposto. Minha senhora era tão bondosa comigo que sempre ficava contente em atender seus pedidos e orgulhosa em trabalhar por ela tanto quanto minha juventude permitia. Eu passava horas sentada ao seu lado, costurando incansavelmente, com meu coração tão livre de preocupações quanto qualquer criança branca que nascera livre. Quando ela achava que eu estava cansada, me mandava sair para correr e pular; e assim eu ia, para colher flores

ou frutinhas para decorar a sala. Foram dias felizes, felizes demais para durar. A criança escrava não pensava no amanhã, mas logo surgiu a desgraça que sempre aguarda todo o ser humano nascido para ser propriedade alheia.

Quando eu tinha quase doze anos de idade, minha boa senhora adoeceu e morreu. Enquanto assistia seu rosto empalidecer e seus olhos nublarem, como eu rezava no fundo do coração para que ela sobrevivesse! Eu a amava, pois ela fora quase uma mãe para mim. Minhas orações não foram atendidas. Ela morreu e foi enterrada no adro da igreja, onde todos os dias minhas lágrimas caíam sobre o seu túmulo.

Fui mandada para a casa da minha avó para passar uma semana. Agora eu já tinha idade o suficiente para começar a pensar no futuro, e me perguntava constantemente o que fariam comigo. Tinha certeza de que nunca encontraria outra senhora tão bondosa quanto a que morrera. Ela prometera à minha mãe no leito de morte que nada nunca faltaria aos filhos; quando me lembrava disso, e das muitas demonstrações do afeto que ela tinha por mim, era inevitável nutrir a esperança de que ela teria me libertado. Meus amigos tinham quase certeza de que seria assim. Eles achavam que ela deveria ter me libertado, considerando o amor e o serviço fiel de minha mãe. Mas, ah! Todos sabemos que a memória de uma escrava fiel nada vale para salvar seus filhos do leiloeiro.

Após um breve período de suspense, o testamento da minha senhora foi aberto e então descobrimos que ela

havia me deixado para a filha da irmã, uma menina de cinco anos. Assim desapareceram nossas esperanças. Minha senhora me ensinara os preceitos da Palavra de Deus: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. “Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam”. Mas eu era sua escrava, imagino que ela não reconhecia em mim um próximo. Eu daria tudo para apagar da minha memória essa grande ofensa. Quando criança, eu amava minha senhora; e agora, rememorando os dias felizes que passei com ela, tento pensar com menos amargura sobre esse ato de injustiça. Enquanto estava com ela, ela me ensinou a ler e a escrever; e por esse privilégio, tão raramente concedido a um escravo, eu abençoo sua memória.

Ela possuía poucos escravos e, ao morrer, estes foram todos distribuídos entre seus parentes. Cinco deles eram filhos da minha avó e haviam compartilhado do mesmo leite que nutrira os filhos da sua mãe. Apesar dos longos anos de serviço fiel prestado pela minha avó para seus proprietários, nenhum dos seus filhos escapou do leilão. Nenhuma dessas máquinas que respiram o sopro de Deus vale mais, aos olhos de seus senhores, do que o algodão no campo ou os cavalos no estábulo.